

# Verbo: uma abordagem morfossintática

Anderson Alves Pereira<sup>1</sup>, Joyce Sthephany Fonseca Moreira<sup>2</sup>, Karina Scardua Pereira<sup>3</sup>, Marcela Alvarenga Toniato Cora<sup>4</sup>, Mirian Kler Krobel Correa<sup>5</sup>, Pâmela das Graças de Freitas Golarte<sup>6</sup>, Tiago Garcia da Silva<sup>7</sup>

<sup>1</sup>anderson.alpe@yahoo.com.br

<sup>2</sup>joycestephany@hotmail.com

<sup>3</sup>karinascardua@gmail.com

<sup>4</sup>maatcora@gmail.com

<sup>5</sup>mirianklerkrobel@gmail.com

<sup>6</sup>golartepamela@gmail.com

<sup>7</sup>thiago-garcia2014@outlook.com

**Resumo:** A presente proposta de trabalho pretende analisar a classe gramatical Verbo com base nos livros didáticos, além de dissertar sobre a prática adotada por boa parte dos professores ao ministrar o conteúdo. Tem como ponto de partida contrapor as gramáticas e os estudos das Variedades Linguísticas por meio da investigação de uma propaganda, com ênfase na análise Linguística e morfossintática com foco no que pregam os PCN's.

**Palavras-chave:** Verbo, Gramática, PCN's, Análise Linguística, Morfossintaxe.

## 1. Introdução

O processo de ensino e aprendizagem da língua materna na sala de aula, em especial o ensino de gramática normativa, tem sido objeto de debates com o foco na promoção de novas práticas pedagógicas. A gramática pode ser compreendida como um conjunto de regras e prescrições que determinam o uso considerado correto da escrita e da fala, consagrando e conservando o uso da língua referente a classe que é privilegiada na sociedade. Logo, ratifica-se o uso tão somente da variedade padrão ou culta, ignorando e ridicularizando novas e diferentes formas de uso da língua, normalmente consideradas erros e deformações (BAGNO, 2015).

Segundo Travaglia (2001) a gramática julga como errado tudo o que não está de acordo com o que é usado na variedade culta. Esta prática não coaduna com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's, que são diretrizes utilizadas para analisar os principais problemas do ensino da língua, além de verificar propostas em relação ao movimento de reorientação curricular, apresentando orientações didáticas e recomendando critérios de avaliação.

Neste artigo, procuramos analisar como ocorre o ensino de gramática na sala e as novas formas de abordagens, que priorizem a criatividade e a pluralidade de ideias no ambiente escolar. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica a partir das leituras dos autores: Maria Irandé Antunes, Rocha Lima, Marcos Bagno, entre outros, focando em especial no ensino do verbo e sua análise morfossintática.

## 1. A Análise Linguística como Prática Pedagógica

Embora haja discussões sobre a importância do ensino da gramática, há também a crescente notoriedade dos estudos em relação às Variedades Linguísticas (BAGNO, 2015) contrapondo o ensino da norma padrão na escola em face das contradições teóricas e o distanciamento da teoria gramatical em relação à realidade linguística dos alunos (CALLIAN e BOTELHO, 2014).

Para Souza (2015), o ensino metalinguístico é tradicional e muito presente nas escolas e práticas de docentes que não tiveram em sua formação inicial o estudo reflexivo da incipiente Análise Linguística, e em resistência, acabam por desconsiderar o ensino do epilinguismo, que tem por foco a língua materna em situações reais de uso.

## 2. Análise das Gramáticas

As gramáticas geralmente apresentam contradições ou mesmo ausência de clareza em certos momentos. Ainda que a língua em uso e a gramática representem a Língua Portuguesa, ambas se distanciam pelo fato da primeira ser viva e dinâmica, veja:

A concepção de língua e gramática é uma coisa só deriva do fato de, ingenuamente se acreditar que a língua é constituída de um único componente: A gramática. Por essa ótica saber uma língua equivale, a saber, sua gramática; ou, por outro lado saber a gramática de uma língua equivale a dominar totalmente essa língua. É o que se revela, por exemplo, na fala das pessoas quando dizem que “alguém não sabe falar”. Na verdade essas pessoas estão querendo dizer que esse alguém “não sabe falar de acordo com a gramática da suposta norma culta (ANTUNES, 2007, p. 39)”.

Portanto, o professor deverá considerar o conhecimento do aluno, toda a sua história e suas experiências empíricas, pois, ele possui o que denominamos de gramática interiorizada, que é o conjunto de regras que o falante domina.

Quanto ao ensino dos verbos, atualmente, na maioria das escolas não é diferente, os educadores baseiam-se nos livros didáticos, que por sua vez, foram desenvolvidos com base nas gramáticas normativas, com textos e exercícios pouco contextualizados, limitando-se ao uso de algumas tirinhas/quadrinhos ou pequenos poemas. Entretanto, é importante que se demonstre isso com mais leituras e produções de textos, apresentando como o verbo se comporta em situações de uso real, na fala tanto formal quanto informal, como na escrita. Para facilitar o ensino, o estudo da gramática é dividido em várias partes, como a análise morfossintática. Sautchuk (2004) afirma que não se pode separar o conhecimento morfológico do sintático, pois, segundo este entendimento a base ou a natureza morfológica de um sintagma determina ou autoriza sua função sintática.

### **3. Didática: Proposta de abordagem em sala de aula**

O professor precisa refletir sobre suas formas de ensinar e, conseqüentemente, optar por novas práticas pedagógicas, caso contrário, o processo de ensino aprendizagem será ineficaz. Uma abordagem do conteúdo que promova a reflexão sobre a classe gramatical do verbo deve ser usada de maneira a promover novas formas de compreensão e reflexão. Nessa perspectiva, propomos aos docentes uma alternativa com o objetivo de transformar este cenário e melhorar o ensino dos conteúdos. De acordo com Macambira (1999), a definição tradicional de verbo, que aborda somente o aspecto semântico, possui valor apenas quando encarada na perspectiva temporal, pois outras palavras também podem refletir a ideia de ação, bem como os verbos podem expressar outras coisas, como qualidade.

O educador, conseqüentemente, deve mostrar ao estudante, que o ensino da gramática pode se moldar aos contextos, assim como à realidade na qual ele está inserido, pois, em sua grande maioria, a forma e o sentido das palavras se alteram de acordo com a situação na qual ela foi empregada (ROCHA, MESCKA,

2012).

Portanto, como meio de exemplificação e apresentação da ideia sugerida, apresentamos uma análise morfossintática prática. O anúncio abaixo foi retirado do site da empresa A Loga® Internet, localizada no estado do Espírito Santo e oferece o serviço de internet por fibra óptica, também conhecida por internet ultrarrápida.



Figura 1: <https://loga.net.br/#qode-home-slider-51>:

Conforme Câmara Jr. (2001), o fundamento semântico se constitui no significado extralinguístico do vocábulo, o que o vocábulo representa sob o prisma do universo biossocial que se incorpora na língua. Por isso, quando definimos que o “substantivo é a palavra com que damos nomes aos seres em geral”, utilizamos o critério semântico, pois tomamos por base a lógica comum dos substantivos, que é a de dar nome aos seres. Vale destacar que já o critério funcional ou sintático, se baseia na função do vocábulo na sentença. Logo, analisamos o vocábulo em relação aos demais, e não de forma isolada. Considerando a função do verbo na figura 1, de forma intencional e funcional a empresa se vale do vocábulo Loga® que porta-se ora como substantivo, ora como verbo, como se lê na hashtag “#EUQUEROLOGA”, que pode ser entendido como “eu quero a empresa Loga®” caracterizando-se como um substantivo ou expressando uma ação como em “eu quero Logar”, ou seja, estar conectado à rede mundial de computadores, a *Web* ou *internet*. Essa reflexão não deve ser um dado pronto e acabado partindo do professor, mas sim, conduzida através de perguntas norteadoras que provoquem novas formas de enxergar o vocábulo e como ele se comporta em uma relação morfossintática, a qual depende do contexto e as relações semânticas expressas na sentença.

O docente pode aguçar ainda mais o pensamento reflexivo dos alunos extraíndo o vocábulo do texto analisado e formulando frases no quadro para que venham movimentar sua classificação gramatical. Numa aprendizagem ativa os alunos podem contribuir para a produção das frases e/ou orações. Podem ser construídas frases em que o verbo seja substantivado pelo acréscimo de um artigo e sintaticamente opera como sujeito, por exemplo, suponhamos que um aluno colabore com a seguinte construção:

*“A Loga® tem a internet mais rápida do mundo.”*

Para essa formulação caberá a percepção na mudança do comportamento de um vocábulo que pertence a classe dos verbos atuando como um substantivo pela presença do artigo e sua função sintática como sujeito da oração, cujo núcleo não é o vocábulo “Logar” e sim a forma verbal “tem”.

Quando o aluno é parte integrante do processo de construção do saber, o mesmo se interessa mais, sem contar que se ele auxiliar na construção das frases e/ou orações surgirão fragmentos que dialogam com o uso da língua materna no seu cotidiano. Esse desempenho de aula abre um leque de conteúdos a serem explorados que versam sobre as relações morfossintáticas exercidas pelas classes de palavras e sobre a sociolinguística atentando-se, por exemplo, para o apagamento do /r/ final que ocorre em nossa prosódia sendo assim [logá] ou [loga], a semântica e seus campos podendo explorar os sentidos do vocábulo “logar” e possíveis mudanças que possam ocorrer nesses sentidos de acordo com a sua disposição sintática, sobretudo, cabe ainda, atentarmos para as possibilidades provocadas intencionalmente pelo marketing com o uso do símbolo ® indicando o registro da marca dos idealizadores, assim como o fonema /r/ do verbo no infinitivo.

## **5. Conclusão**

Desenvolveu-se, neste artigo, uma reflexão sobre novas práticas pedagógicas, para que o ensino do verbo seja produtivo, haja vista que muitas atividades não despertam o interesse do aluno no processo de aprendizagem. Ao trabalhar a morfossintaxe em sala de aula devemos considerar que uma mesma palavra analisada sob a ótica morfológica pode revelar outras funções quando

observada em um dado contexto. O professor através de abordagens inovadoras deve inspirar e aguçar no aluno o interesse pelas classes gramaticais e suas funções em uma oração.

## Referências

- ANTUNES, Maria Irandé Costa Morais. **Muito além da gramática**: por um ensino de gramática sem pedras no caminho. São Paulo. 3ª ed. Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. 56ª ed. revista e ampliada. São Paulo. Parábola, 2015.
- CALLIAN, Giovana Rabite; BOTELHO, Laura Silveira. **A Análise Linguística e o ensino de Língua portuguesa: em busca do desenvolvimento da competência comunicativa**. Revista Eletrônica da faculdade Metodista Granbery. N 16, Jan/jul 2014.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfo-sintática do português: aplicação do estruturalismo linguístico**. 9. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.
- ROCHA, T. e MESCKA, P. M. **Análise comparativa das definições de substantivos e verbos nos compêndios de gramática normativa**. PERSPECTIVA, Erechim. V.36, n. 136, p. 89-99, dezembro/2012.
- TRAVAGLIA, L.C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- SAUTCHUK, Inez. "Prática de Morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo) sintática". Barueri, São Paulo, Manole, 2004.
- SOUZA et al. **Análise Linguística como prática de sala de aula: ensinando/aprendendo verbos no Ensino Fundamental I**. Horizontes de Linguística Aplicada, ano 15, n. 1, 2016.